Eu, proletário?

Grupo Comunista Internacionalista

Editora Amanajé

Contato

editoraamanaje0@gmail.com
@editora_amanaje

A presente tradução foi realizada através da versão em espanhol do número 57 da Revista *Comunismo*, editada pelo Grupo Comunista Internacionalista.

A obra acima se encontra disponível gratuitamente na cópia disponibilizada pelo site Humanaesfera através do link: https://we.riseup.net/assets/716728/gci-icg.zip

Encoraja-se a difusão desse texto, bem como aviso de possíveis erros de modo a tornar o texto melhor para todos.

Amanajé

Eu, proletário?
Contribuição para a definição do proletariado[1]

Parte Um: Dominação de classe e negação do proletariado

A dominação burguesa é mantida porque o proletariado não a destrói. Se não foi capaz de fazê-lo até agora, é porque esta classe social ainda não se tornou uma força suficientemente compacta e poderosa para fazê-lo.

No entanto, para se tornar uma força de abolição do sistema social, é necessário que a luta pela vida se cristalize em uma atividade revolucionária voluntária e consciente. A consciência histórica da necessidade de se tornar uma força, um partido, é determinada, por sua vez, pelas condições materiais, pela exploração e pela luta contra a exploração, pela contradição cada vez mais explosiva entre as possibilidades que a

[1] 'Definição' não no sentido que lhe dá a ciência, a burguesia, não no sentido meramente ideológico, conceitual, mas no sentido de definição histórica, de determinação prática, como veremos ao longo desta contribuição. O mesmo se aplica ao termo negação.

humanidade tem em termos do desenvolvimento das forças produtivas e a realidade miserável em que a maioria da espécie humana é mantida.

Os revolucionários observaram mais de uma vez que essa determinação histórica geral em relação à revolução social não é linear, não é imediata, e que pode ser atrasada, condicionada, desviada por muitos fatores de natureza política, ideológica, religiosa, cultural, etc. Portanto, em condições materiais impressionantemente catastróficas, como as atuais, o protesto contra essas condições não é assumido, diretamente, como gostaríamos, como uma ação organizada e centralizada para a destruição do capitalismo[2].

Nessas condições, existem diferentes tipos de movimentos sociais do proletariado, desde simples protestos, greves ou manifestações de rua que respondem a este ou aquele ato de um chefe, um ministro ou do governo, até movimentos muito mais gerais e violentos que atacam todos os

[2] Que fique claro que não dizemos, como diria a social-democracia, que essa luta não é histórica, mas imediata, que não dizemos que é apenas uma luta econômica, etc., senão que enfatizamos que embora seja por sua essência uma luta em oposição ao capital e o Estado não se assume como tal. Para nós não se trata de introduzir a consciência, nem o caráter final e histórico da luta contra o capitalismo, porque à medida que o progresso do capitalismo desenvolve toda a sua barbárie, qualquer luta que se baseie nas necessidades humanas se opõe à lucratividade do capital e em seu sentido mais geral é uma luta essencialmente revolucionária. Mas o que estamos dizendo é que em períodos como o atual, de pouco associacionismo de classe, quase nenhum conhecimento do programa revolucionário, etc., essas lutas não assumem o que realmente carregam dentro de si, não desenvolvem a potência que contêm, não se apropriam de seu próprio conteúdo revolucionário, que se concretiza na não-assunção das tendências inerentes à generalização, organização, centralização... Nesse sentido, é muito mais correto dizer que "não se assume como uma ação revolucionária centralizada" do que dizer "não se transforma em", embora essa construção raramente seja usada por ser muito mais pesada.

partidos e forças do capitalismo presentes e que nas ações estão mostrando uma tendência muito mais geral de atacar toda a ordem burguesa. Mas mesmo nesses casos a consciência que os protagonistas têm de pertencer à mesma classe que luta em todos os países do planeta, da necessidade de se organizar e centralizar-se em todo o mundo, a consciência da necessidade de destruição da sociedade burguesa, não é nada comparável com a que caracterizou o proletariado mundial nos anos de 1917-23, nem com a que se desenvolveu nos anos 1968-73. Em muitos de nossos trabalhos tentamos traçar as linhas gerais que determinam e caracterizam o atual período de luta e a contradição entre a força com que o proletariado internacional reaparece aqui e ali e seu nível baixíssimo de organização internacional permanente, de associacionismo, de consciência de classe.

Em nossos diferentes textos analisamos os fundamentos da dominação burguesa, da democracia, dos diferentes subterfúgios dessa para desarmar, desorientar e esmagar qualquer tipo de revolta proletária que não saiba, em certo momento, passar à ofensiva e se mostrar como uma força centralizada compacta e determinada lutando por sua ditadura contra a sociedade mercantil.

Não é por acaso que as ferramentas do poder do capital são sempre as mesmas. A repolarização da sociedade em diferentes alternativas burguesas, como direita contra esquerda[3], antifascistas contra fascistas,

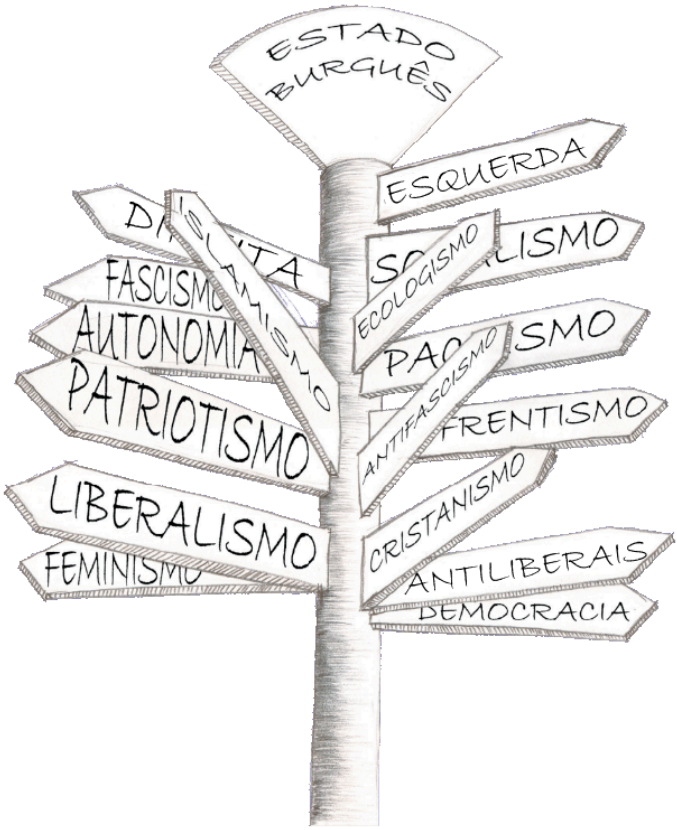
[3] Não esqueçamos que a realidade dessas categorias interburguesas é relativa, como os revolucionários sempre afirmaram. Não se trata de diferentes programas socioeconômicos, mas de diferentes discursos de enquadramento e dominação. Não existe uma direita que seja realmente diferente da esquerda. O fascismo que hoje é considerado de direita vem da esquerda e traçou seu programa da esquerda do

liberais contra anti-neoliberais, nacionalistas contra imperialistas, frente-populares contra nacionalistas, ditadores contra democratas, militaristas contra pacifistas, islamistas contra cristãos, republicanos contra monarquistas, não é apenas mais uma forma de reorganizar a dominação burguesa que está em perigo, mas o método geral que tem a sociedade (há muitos séculos!) de transformar a raiva social contra a sociedade em raiva ao interior da sociedade, a guerra social em guerra inter-burguesa, a raiva proletária em delegações e negociações dentro do Estado, o questionamento de toda a sociedade em questionamento de uma forma específica de dominação, a luta contra o capitalismo na luta contra uma fração burguesa e a favor de outra.

Se o segredo da revolução é a autonomia do proletariado e a constituição do mesmo em classe e, portanto, em partido; o segredo da contrarrevolução é a atomização do proletariado e sua canalização dentro da sociedade a serviço da luta de tal fração contra outra. Se os maiores triunfos da revolução mundial estão sempre ligados à conquista da autonomia de classe, à transformação da guerra imperialista em uma guerra social revolucionária, como o processo que levou à insurreição de 1917 na Rússia ou na Ucrânia um pouco mais tarde, os maiores triunfos da contrarrevolução estão todos ligados a uma liquidação do proletariado como força autônoma e sua repolarização dentro das forças burguesas, como o processo que vai da

---

socialismo italiano. O nazismo ou o franquismo, por sua vez, realizaram partes essenciais do programa do que então se autoproclamava socialismo e da própria frente-popular. Em suma, todo nacionalismo é inerentemente imperialismo, a melhor das democracias é inquestionavelmente uma ditadura e a mais cruel das ditaduras realiza a democracia ...



insurreição proletária das Astúrias em 1934 e julho de 1936 em Barcelona ao seu alinhamento internacional no fascismo e antifascismo e o início da "segunda" guerra mundial.

Essa forma geral de ação da contrarrevolução é articulada com um conjunto de elementos fundamentais da democracia, como o terrorismo de

Estado, as promessas parlamentares, os esquadrões da morte, as guerrilhas nacionalistas, gangues patronais e/ou sindicais, convocações para eleições, mobilizações para defender o Estado de Direito,... todos elementos que convergem para desarmar e liquidar o proletariado. Nossos trabalhos sobre a atualidade contém centenas de referências e explicações concretas como tal ou qual partido desse ou de tal país usa a bandeira eleitoral, a bandeira nacionalista, a bandeira da paz, a bandeira dos direitos do homem... para atordoar o proletariado no momento decisivo, para desviá-lo de seus próprios objetivos, para distrair ao mesmo tempo que outras frações (ou as mesmas!) organizam o massacre e a prisão de seus elementos mais determinados. A esses elementos poderíamos designá-los aqui, apenas com o propósito de sermos mais claros, como elementos **políticos** da dominação democrática.

Em outros trabalhos, descrevemos o funcionamento normal da sociedade burguesa de hoje, o processo geral de atomização diária, da cidadanização, da imbecilização generalizada que tornou o ser humano um animal bem adestrado cuja atividade principal é ser um espectador (e não apenas televisivo!). Contribuindo para este trabalho[4] se encontram todos os meios de informação, o que é chamado de arte e cultura, a escola, a ciência, as igrejas e seitas, as estruturas alternativas, os meios de comunicação e de

[4] Seria impossível fazer uma enumeração exaustiva desses elementos tanto pela sua extensão e heterogeneidade, como porque podem sempre ser classificados e reclassificados entre eles e alguns podem ser incluídos noutros e vice-versa. Não se deve esquecer que todos eles, embora assumam formas de estruturas ou instituições complexas, produzem mercadorias e, sobretudo, contribuem para a fabricação da principal: a força de trabalho sempre pronta para aceitar a exploração e a dominação.

criação de ideias, a urbanização, os produtos químicos, drogas e psicotrópicos, os jogos, a seguridade social, a medicina, a psicologia, os circos e outras distrações organizadas,... Só para deixar esta exposição o mais clara possível, vamos chamá-los de elementos **sociais** da dominação democrática.

É essencial deixar claro que ambos os elementos, embora sejam diferentes faces da mesma realidade, são, por sua vez, determinados pelo que é a essência da dominação democrática, **a economia mercantil**, a produção e reprodução da sociedade como confluência de livres vendedores e compradores de mercadorias, como um encontro de indivíduos confinados ao seu próprio ser, como um confronto de egoísmos recíprocos, como a expressão da luta de todos contra todos, como contraposição livre de vontades e interesses privados. A respeito disso, não se deve esquecer que os tão valorizados direitos humanos nada mais são do que a formalização legal dessa oposição recíproca entre os indivíduos, que "nenhum dos chamados direitos humanos, portanto, vai além do homem egoísta, o homem como membro da sociedade burguesa, ou seja, o indivíduo voltado para si mesmo, seu interesse privado e sua vontade privada e dissociado da comunidade" (Marx, *A Questão Judaica*).

Está longe de nós tentar separar ou dividir a dominação burguesa em seus aspectos econômicos, políticos, ideológicos, sociais como estruturalistas fazem como se esses aspectos pudessem ser tratados como entidades separadas (que logo a teoria articula!); toda nossa concepção concebe a **totalidade** como uma qualidade diferente da soma das partes.

Além disso, basta isolar um elemento para verificar-se que ele contém o todo, que o social, por exemplo, é ao mesmo tempo econômico, ideológico e político[5]. Não há dúvida, portanto, de que não se tratam de realidades ou estruturas diferentes, mas apenas de aspectos, ângulos de percepção, de uma **mesma realidade**, como acontece, por exemplo, com conceitos como capital, burguesia e Estado burguês de um lado ou classe e partido proletário de outro.

O que fazemos é usar uma classificação relativamente arbitrária dos diferentes elementos para melhor destacar a **democracia como uma globalidade** e a análise que podemos fazer separadamente dos aspectos dessa totalidade só é válida entre nós na medida em que ajuda a capturar a globalidade da dominação burguesa (ou que nos permita discuti-la mais facilmente) e é concebida como parte de uma ação contra essa globalidade. Como o leitor pode ver, a maioria de nossas obras a esse respeito denunciam a totalidade da dominação burguesa e são concebidas como **armas** de luta contra ela. E isso mesmo quando tratamos apenas de um aspecto dessa

[5] Isso fica ainda mais claro se formos mais para o particular e tomarmos algum elemento importante, veremos reaparecer em todas as esferas nas mais variadas formas. Por exemplo, a ciência é classicamente classificada como força produtiva do capital quando colocada a serviço da produção (aumento da composição técnica do capital) e da exploração (controle dos tempos e movimentos, gestão de pessoal, ...) e poderia ser classificada no econômico. Mas imediatamente aparece que é usada para organizar as cidades de acordo com as necessidades da circulação de mercadorias e contra possíveis levantes proletários (e é chamada de urbanização), ou para domar as massas com base em produtos químicos de todos os tipos, ou para falsificar alimentos, ou para suprimir manifestações, ou para a guerra ou para ocultar a origem da deficiência imunológica em vias de generalização e atribuí-la a um vírus, ou por qualquer outra campanha de intoxicação física e/ou ideológica... E seria fácil ver que, com essa análise, uma grande jornada pode ser feita ao infinitamente pequeno.

totalidade, na medida em que sempre destacamos o vínculo efetivo que esse aspecto tem com a luta internacional e histórica contra a sociedade burguesa como um todo.

É com essas premissas que definiremos o objetivo específico desta pequena contribuição. Tentaremos analisar um elemento fundamental e básico que hoje é decisivo na reprodução da totalidade, na persistência da contrarrevolução. Como veremos neste artigo, o elemento **primário**, que caracteriza a atual forma de dominação burguesa e permite a atual coerência dos elementos econômicos, políticos e sociais da democracia, é **a inconsciência de classe**, a mitologia que permite ao proletário de hoje considerar-se qualquer coisa menos um proletário. Primário, básico, porque é sobre essa **não**-consciência de pertencer à uma mesma classe que se funda toda a dominação.

Mostraremos então que a chave para a dominação burguesa hoje é ter estendido a **negação histórica do proletariado como classe**, após as derrotas das maiores ondas revolucionárias da história[6], a um nível tão generalizado que o próprio proletariado reproduz essa negação , porque em seu cotidiano, se desconhece enquanto classe, porque sua prática não é propriamente prática classista. Escusado será dizer que esta negação do proletariado como classe, base de toda esta sociedade de exploração, miséria e destruição sem fim, embora encontre a sua expressão na consciência, não é uma mera questão teórica, muito menos uma simples

[6] Como dissemos na nota sobre a "definição" do proletariado, falamos de "negação" no sentido prático, como derrota física, política/ideológica e como reprodução histórica dela. Ver mais adiante.

questão de ideias, mas um problema eminentemente **prático** que só encontrará sua solução histórica na **prática revolucionária**.

A INCONSCIÊNCIA DE CLASSE

Com efeito, a televisão e o futebol, as eleições e os sindicatos, a "droga" e a "música", o playstation e os dispositivos consoladores (telefones, chats...), a política de esquerda e de direita, as diferentes bandeiras nacionais, a corrupção e a "crise", o (neo?!)liberalismo e sua oposição, os grupos parapoliciais e sindicais, as guerrilhas nacionalistas e islâmicas, o alternativismo e suas oficinas autogestionárias, os governos populares e as campanhas antiterroristas,... funcionam perfeitamente como mecanismos de falsificação, de desvio, de canalização, de repolarização[7], de destruição dos esforços do proletariado para se organizar, **porque o próprio proletariado não se reconhece como uma classe e porque não conhece sua potência histórica e seu programa.**

Formulando de outra maneira: se hoje é tão fácil para a burguesia responder a uma luta proletária em qualquer lugar, isso se deve, sem dúvida, ao fato de que o proletariado do resto do mundo não se reconhece nela, porque por um conjunto de mecanismos de controle (e mesmo de

[7] Não esqueçamos que o próprio trabalho torna a atividade vital uma atividade alienada, que toda a reprodução da vida sob o capital é a reprodução da alienação que, ao produzir o proletário, reproduz ao mesmo tempo o poder de seu inimigo e sua própria alienação humana. Que todos os mecanismos ideológicos mencionados são baseados nessa reprodução da alienação.

manufatura) da informação, da história... o capitalismo faz os proletários do mundo acreditarem que o que acontece alhures não tem nada a ver com o que acontece "aqui", com o fato de que a ausência de associação, de discussão, da imprensa proletária internacionalista... cristaliza-se em uma total inconsciência da realidade, levando a uma dispersão total da potência proletária mundial, que fica reduzida a um grupo de espectadores que imaginam que na "Albânia o povo protesta contra um golpe gigantesco", na "Argélia eles querem impor o islamismo", nos "Estados Unidos quem protesta são negros ou latinos... de qualquer maneira lá não há miséria", que na "Argentina ou Brasil há saques porque há fome causada pela corrupção", que no "Iraque a luta é entre as massas lideradas pelos nacionalistas e o Estado central" ou pior "entre diferentes facções islâmicas", "que na África há uma luta entre esta ou aquela tribo ou grupo étnico", que no "México a alternativa é o Subcomandante Marcos"...[8] e/ou que a contradição é entre um Chávez e um Bush.

Esse sentimento de que o que acontece em outros lugares é diferente é obviamente a chave para a negação do proletariado como classe. Todos os mecanismos ideológicos contribuem para isso. A falta de

[8] Ver em *Comunismo* número 45 o sublinhado intitulado "AMÉRICA ¡Arriba los que luchan contra el capital y el estado!" onde verificamos que as lutas importantes ocorridas em um grupo de países americanos foram enclausuradas e falsificadas por todo o sistema de informação dominante, apresentando o que se passava em cada país como algo totalmente diferente, quando na verdade se trata do mesmo sujeito em todos os lugares, o proletariado internacional: "camponeses e indígenas" no Paraguai, "indígenas" no Equador, "camponeses" sem-terra no Brasil, "parentes de desaparecidos" na Argentina, "mineiros" no Chile, "manifestantes" e "lúmpen" na Costa Rica, "estudantes" no México.

solidariedade de classe geralizada se baseia no fato de que cada um é levado a crer que não será afetado pelo que acontece no mundo, que sua salvação está na melhoria local (da comuna ou da cidade), que ele estará seguro graças ao sindicato ou à melhoria da economia nacional. Todas as estruturas do capital lhe dirão que essa luta não é deles e, quando não conseguirem convencê-lo, organizarão uma campanha humanitária para destruir a solidariedade de classe e enfrentar a ação direta do proletariado em luta.

Seria absurda uma discussão que quisesse determinar se a destruição do proletariado pela contrarrevolução (depois das diferentes ondas revolucionárias de 1917/23 e, em menor medida, de 1967/73) é o que "explica" essa ignorância generalizada que o proletariado tem de si mesmo como classe e conseqüentemente o êxito dos atuais mecanismos da democracia; ou se, pelo contrário, é o funcionamento normal desses mecanismos que, pela sua eficácia na idiotização (também no sentido original de ignorância, desinteresse pela "política") generalizada fazem possível que o proletariado desconheça-se, que ele ignore totalmente o que acontece no mundo hoje e o que aconteceu antes, quando o proletariado se contrapôs efetivamente a toda ordem estabelecida como uma força mundial

consciente[9]. É um fato que ambos os processos contribuíram e contribuem para a ignorância de classe que caracteriza o proletariado hoje.

É muito mais interessante para esmiuçar (analítica e praticamente) a dominação burguesa estudar os diferentes níveis dessa **ignorância do proletariado de seu próprio ser**, dessa autonegação negativa do proletariado como classe internacional: negação de sua própria vida, de sua própria luta, negação que reproduz a dominação burguesa.

Entendemos por "**negação negativa do proletariado**" aquilo que realiza o próprio desenvolvimento do capital, sua reafirmação, sua reprodução ampliada, porque nele o proletariado não é um sujeito, mas um simples objeto: negação de sua força, atomização cidadã, redução a uma simples parte do capital reproduzindo-se (capital variável). O exemplo supremo dessa negação é o massacre generalizado na guerra imperialista onde, como carneiros com as respectivas bandeiras nacionais, os homens se matam, constituindo assim uma parte indispensável do ciclo de reprodução

[9] Para nós, "consciente" nunca significa majoritariamente consciente, nem significa intelectualmente consciente. Haverá mais de um que nos dirá que a maioria não tinha consciência nem em 1917/19 e/ou que não há documentos que afirmem o elemento consciente no sentido da totalidade o programa revolucionário. Com efeito, estarão constatando fraquezas óbvias, presentes mesmo na mais importante onda revolucionária que a humanidade já conheceu. Dizemos "consciente" em termos relativos e históricos e porque naquela época o proletariado passou a existir como uma força internacional que se reconhecia como tal: milhões de proletários em todo o mundo reconheciam a luta proletária em outros lugares como sua luta, como uma mesma luta histórica da humanidade contra a sociedade capitalista. Era uma força internacional consciente e atuante independentemente dos limites dessa consciência, independentemente das maiorias ou minorias nas diferentes regiões, independentemente de essa consciência não se expressar com toda a sua força a nível intelectual. Em suma, "consciente" em termos relativos a toda a história de nossa classe.

do capital (crise, guerra, reconstrução, expansão, crise...): aqui o proletariado nada mais é do que bucha de canhão. Em oposição a isso, como veremos neste texto, entendemos por **negação positiva** do proletariado sua constituição em força, em classe dominante, para abolir o trabalho assalariado e o capital e, portanto, todas as classes sociais, negando-se assim **positivamente** como classe. Em ambos os casos o proletariado se nega, mas enquanto na negação negativa o sujeito ativo é o capital, nesse último, que é também uma **negação definitiva e infinitamente mais rica em determinações**, o sujeito é o próprio proletariado e é neste sentido que a revolução comunista pode (deve) ser concebida como a **auto-negação do proletariado**.

É precisamente isso que queremos tratar neste texto, como uma pequena contribuição à **inversão da práxis** que se concluirá com a reafirmação do proletariado, a sua **constituição em classe e, portanto, em partido**, para sua verdadeira auto-negação positiva: a constituição em classe dominante para se abolir como uma classe e, assim, abolir para sempre todas as classes, toda a exploração e toda a dominação secular de classes e se tornar uma verdadeira **comunidade humana mundial**.

Sentimentos individuais e coletivos, sociológicos e políticos do não-pertencimento ao proletariado

O não reconhecimento do proletariado como classe, que encontra sua expressão máxima nos níveis sociais e políticos, quando a maioria do proletariado mundial não reconhece como sua uma luta em qualquer outro lugar, pode assumir inúmeras formas ou aspectos, desde os mais particulares e individuais a aspectos muito mais gerais e ideológicos.

Causa e/ou consequência, é claro que hoje o proletário não sente a luta do proletário em outra parte do mundo como sua, da mesma forma que não se sente proletário no sentido mais elementar da palavra.

Alguns são levados a crer que não são proletários porque estão empregados, outros acham que não são proletários porque estão desempregados, aquele lá se sente camponês em oposição ao operário, outro pensa que é um comerciante porque é vendedor ambulante, muitos outros se sentem muito jovens ou muito velhos para serem proletários, haverão também aqueles que, por serem mulheres, se sentirão menos preocupados com a questão de sua classe ou que sentirão a opressão racial como mais determinante do que a de classe e em vez de sentir-se proletário negro, proletário latino ou proletário amarelo, ele se sente negro, latino ou amarelo... e para aqueles que superarem essas formas mais básicas de negação imediata da realidade do proletário, haverá outras formas mais político-ideológicas dessa mesma negação, como se sentir "anti-imperialista", "antineoliberal", "palestino", "judeu", "cubano", "esquerdista", "francês", "ianque", "aymara", "curdo", "croata", "trabalhador de um país rico", "feminista", "anti-racista", etc. São precisamente essas negações do próprio proletário que consolidam a

ideologia burguesa do “verdadeiro proletário” que, como se sabe, é um trabalhador industrial, nacional, homem e que olha com desprezo para o lumpem, ao estudante, ao saqueador, ao imigrante, à mulher e a “todos esses negros”.

Um colega do nosso grupo que trabalhava na indústria automotiva como operário foi chamado um dia e lhe disseram que mudaria seu status, que seria promovido, que a partir de agora não seria mais operário, mas empregado. Foi uma grande surpresa descobrir na semana seguinte que ele estava ganhando apenas meio por cento a mais e que seu emprego ainda era o mesmo, mas é claro que ele tinha recebido um status pelo qual ele não deveria mais se sentir igual aos trabalhadores que trabalhavam ao lado dele, sendo assim convidado a participar da ilusão de se distinguir de seus companheiros habituais. Outro colega que era agricultor e vivia trabalhando para pagar os bancos que lhe emprestaram para comprar a fazenda, os capitalistas vendedores de sementes e fertilizantes, os que venderam a escassa maquinaria que comprava parceladamente... (em muitos casos trata-se de uma única empresa que assegura todas essas funções como capitalista) constatou que na região nenhum dos que viviam como ele se considerava parte do proletariado, que era muito difícil propor atividades comuns porque quase todos acreditavam serem proprietários. Um vendedor de revistas no metrô e nos ônibus também nos disse que nessa profissão muitos se consideram livres, comerciantes... e não têm consciência de que na prática estão vendendo sua vida, sua força vital em troca de algumas migalhas que lhes permitem subsistir.

Entre os autodeclarados “colarinhos brancos” a inconsciência de classe, ou seja, a ilusão de não pertencer ao proletariado, é ainda pior. O fato de a produção ser reificada em formas mais abstratas e a ideologia de se distinguir do trabalhador manual aumenta a ilusão. O trabalhador de escritório está convencido não só de que seu trabalho é menos cansativo e destrutivo do que o do operário ou do mineiro e que não é comparável acabar com a visão (e muito mais!) com o computador 8 horas por dia com a vida miserável de um mineiro, senão que a partir disso se considera muito superior e diferente do outro e nem remotamente se dá conta de que a essência de sua vida é exatamente a mesma: vender-se para sobreviver. Tem o professor da escola que, por modelar cérebros em vez de outras matérias mercantis, acredita ser menos proletário ou o funcionário público a quem se promete um emprego vitalício e por isso acredita ter, ao contrário do resto da sua turma que vive a ameaça permanente do desemprego, o futuro assegurado, uma segurança que o colocaria totalmente fora do proletariado.

Crianças em idade escolar, estudantes ou em geral os setores que não estão vendendo sua força de trabalho e “sendo diretamente explorados”[10] geralmente acreditam que estão flutuando entre as classes e

[10] É essencial esclarecer três coisas que, na realidade, só podem ser compreendidas em todo o seu significado levando em consideração a totalidade das críticas à economia e à sociedade burguesas feitas pelos comunistas desde sempre e em particular o conjunto de nossas publicações sobre a história de delimitação de nossa classe. Em primeiro lugar, que considerar que não são produtores de valor é o ponto de vista do capital cuja utopia é, sem dúvida, que toda a humanidade esteja sempre produzindo valor imediatamente, mas na realidade esses setores reprodutivos da força de trabalho são indispensáveis na valorização global do capital. Além disso, esse ponto de vista reflete as dificuldades tradicionais do capital em ser concebido como capital total, pois nada mais é do que a soma dos capitais individuais, daí que

que são muito menos proletários do que o trabalhador que mora ao lado ou mesmo em sua própria casa! Tudo o que é socialmente designado como educação e cultura se destina a produzir trabalhadores com consciência de cidadãos, proletários com a ideologia de "homens livres", produtores com a ideologia de "consumidores". Aos filhos de proletários que frequentam o ensino primário, secundário e/ou universitário, que também recebem uma boa dose diária de televisão e, por isso, estão sendo formados como força de trabalho do capital (toda formação técnico-científica é isto e nada mais!) lhes é inculcado (da mesma forma que o cristianismo lhes foi imposto na Idade Média!) o livre arbítrio com respeito a suas vidas, lhes é oculto que fazem parte de uma classe que se reproduz como escrava. Quanto mais livre o proletário pensa ser ("sou livre para decidir")[11], tanto mais dócil e submisso ele será em relação à sua exploração, tanto mais será um idiota útil em toda a sua vida. Assim, ao mesmo tempo que lhe é imposto, desde a creche ou nos primeiros anos de escolaridade, elementos essenciais para

considere todos esses setores como improdutivos. Em segundo lugar, mesmo nos casos em que o capitalista individual não ganhe diretamente às suas custas (como nos casos em que a própria educação é uma empresa privada), esses setores contribuem para a criação de valor (força de trabalho valorizando-se) e fazem parte do trabalhador coletivo que reproduz o capital total. Socialmente, eles nada mais são do que uma força de trabalho que se desenvolve de acordo com as necessidades do capital. Terceiro, que nossa posição de classe implica nos colocarmos nos antípodas desse ponto de vista. Como não partimos do valor se reproduzindo (e muito menos do capital individual), mas da humanidade submetida à ditadura desse valor em processo, não derivamos o critério de classe da discussão sobre a produção imediata de valor ou do imediatismo absurdo que espera classificar cada indivíduo em uma classe social. Como explicaremos nesse texto e em geral em nossas contribuições, as classes são determinadas por seus interesses, por sua luta, por sua contraposição.

[11] Ver *Comunismo* nº 43 "De la libertad", "La libertad es la esclavitud asalariada".

posteriormente aceitar a disciplina do escritório, da fábrica ou do supermercado (disciplina e ordem escolar, horário de trabalho, recreação como curta suspensão entre dois horários de trabalho, voltar para casa para reproduzir suas energias para aguentar... mais escola e depois mais trabalho), é levado a crer que está estudando para decidir o que será depois, para que possa ser "livre" mais tarde. Assim, o escravo aprendiz repete a frase que lhe foi imposta pelo seu opressor e que lhe acorrenta: "estudo para poder trabalhar no que quero". O que o escravo assalariado acredita ser sua liberdade são, na realidade, as leis do mercado de força humana oferecida ao lance mais alto para ser explorada. Essa crença permite que a oferta de força de trabalho seja adaptada às necessidades futuras do capital, que se expressarão na demanda por escravos assalariados. Sua função de classe reproduzindo-se como explorada será mais bem assumida na mesma medida em que seus componentes acreditam-se realizando sua liberdade; esses escravos que preparam e afirmam sua própria escravidão assalariada serão tanto melhores na medida em que acreditarem não pertencerem à classe dos explorados. Mesmo quando os estudantes de lares proletários entram em luta, eles não rompem ou não o fazem de forma suficientemente radical com toda essa ideologia, essa **inconsciência de classe** se cristaliza na pretensão de ser um movimento separado, "o movimento estudantil", sem contar aqui a força das ideologias marxista-leninistas ou outras que falarão de um "movimento pequeno-burguês" e repetirão em coro com toda a contrarrevolução que "os estudantes querem tal coisa ou exigem tal outra", que "o movimento estudantil aspira..." como se pudessem ter interesses

próprios!; como se existisse entre o capital e o proletariado um terceiro setor no meio das classes com interesses diferentes de ambas! Todas as ideologias sobre a originalidade do "movimento estudantil" expressam os interesses da classe dominante, seu desejo de uma categoria sem classes que exista entre ela e o proletariado ameaçador e que serviria como um amortecedor, uma almofada social. Como se, em algum momento da vida, o ser humano pudesse reproduzir-se sem pertencer a nenhuma das classes! Como se, ao entrar no ensino médio ou na universidade, o pertencimento a uma classe social se diluísse!

O mesmo acontece com outras categorias policlassistas como a camponesa, que significa apenas habitante do campo (como cidadão significa originalmente e obviamente habitante da cidade!) e que invariavelmente serve para confundir e subjugar o proletariado agrícola. Ao colocar o trabalhador rural no mesmo saco do capitalista agrário e do latifundiário, ele fica isolado do irmão proletário da cidade e de outros países. E nesse terreno úmido então chovem os discursos sobre a miséria da gente do campo, sobre o isolamento dos sem-terra e a pobreza do campesino,... A tão alardeada fraqueza do campesino nada mais é do que esse processo ideológico de separação e isolamento que a burguesia de todas as cores reproduz por todos os meios à sua disposição. Quando também há características raciais ou econômicas que permitem que essa separação seja aumentada, se insiste nelas, como o marxismo-leninismo historicamente fez para aumentar a exploração e desenvolver o capital, como reproduzem em sua propaganda as organizações stalinistas e maoístas

ou mesmo o cinema esquerdista latinoamericano. Assim se fala de campesinos, de indígenas, de trabalhadores autônomos, da gente do campo que é pobre e de classe média, desconhecendo inclusive a unidade real do movimento proletário na luta contra o capital e o Estado.

Miserabilismo e isolamento daqueles que lutam

Raramente paramos para refletir sobre os milhares de mecanismos mais sutis ou grosseiros com os quais o capitalismo esconde a realidade imediata do proletário de seu inimigo histórico, negando-o como tal e, portanto, tornando-o sua vítima. Mesmo a descrição 'inocente' de miséria absoluta, miséria extrema, acompanhada de todo tipo de alternativas de caridade faz parte dessa negação do proletariado como classe: a insistência interminável no lado "objetivo" da miséria (como, por exemplo, é feito com "os índios de Chiapas" ou os condenados à fome na África) impede de ver o seu aspecto dinamicamente subversivo e pretende liquidar a solidariedade revolucionária em nome da pobreza.

Assim, quando esses "pobres", assumindo praticamente todas as suas determinações proletárias, se revoltam abertamente contra o capital e o Estado, os proletários adormecidos do resto do mundo, se por acaso descobrirem, não verão mais do que um protesto de "pobres". Com base nisso, é muito fácil para o Estado organizar o isolamento total desses proletários em luta: aos "pobres índios", aos "pobres negros" são enviados alguns quilos de arroz com a clara condição de que renunciem sua luta. ONGs, organizações humanitárias de esquerda e direita, igrejas, partidos e sindicatos usam essa inconsciência de classe generalizada para manter os proletários de todo o mundo com a consciência limpa por terem feito um pouco de caridade, enquanto na verdade se transformam em participantes objetivos na liquidação da revolta proletária.

A função essencial da propaganda estatal ou paraestatal em toda parte é a divisão do proletariado. Cada reemergência do proletariado como classe é acompanhada por uma desqualificação voluntária e consciente dos setores de vanguarda proletária, dos setores que colocam a oposição da propriedade privada no terreno da ação direta. Em absolutamente todas as revoltas proletárias, esta desqualificação visa, em primeiro lugar, que os proletários dessa mesma região ou país não se sintam preocupados e, se for possível que se oponham, e, em segundo lugar, isolar essa revolta dos proletários de outras regiões e países.

Assim, a luta do proletariado no México, Rússia e Espanha na primeira metade do século 20 foi desqualificada como uma revolução camponesa, e em todos os casos foram atribuídos à luta objetivos diferentes dos da luta do proletariado internacional. Em primeiro lugar, o caráter proletário da revolução no México foi negado com a participação da grande maioria dos partidos chamados socialistas e anarquistas que proclamaram que, naquele país, o proletariado tinha interesse em desenvolver o capitalismo primeiro e que tal e qual governo era, além de progressista, anti-imperialista. Em seguida, atribuiu-se à revolução na Rússia apenas objetivos democráticos burgueses e de desenvolvimento do capitalismo, isolando assim os proletários que, no campo e nas cidades daquele país, proclamaram a revolução social contra o capital. Algumas décadas mais tarde, foi criado um muro antifascista contra a luta do proletariado na Espanha, negando com o terror republicano e stalinista e a propaganda antifascista internacional a verdadeira luta dos proletários naquele país. E

esses são apenas três exemplos, obviamente muito importantes, dessa onda de lutas que abalou todos os continentes.

Anos depois, toda a onda revolucionária internacional de 1968/73 teve a atribuição de diferentes objetivos em cada país, o que teve grande ajuda da divisão ideológica do mundo em três (do primeiro ao terceiro mundo!) e quando em países e regiões inteiras o proletariado questionou o poder burguês com armas, as organizações de esquerda cúmplices encarregaram-se de isolar essas revoltas, dizendo que eram movimentos de terceiro mundo, que eram apenas estudantes, ou que era a aristocracia operária.[12]

Mais perto de nós, o proletariado insurgente no Irã (final da década de 1970), ou anos depois no Iraque (início da década de 1990), foi desqualificado como islamista. E nos últimos anos toda a propaganda burguesa foi usada para dizer que os piqueteros argentinos não eram mais do que desempregados e lumpens, que os jovens dos banlieues franceses (subúrbios) não pertenciam ao proletariado, que as revoltas em toda parte são apenas "revoltas da fome"...

A propaganda burguesa para esta desqualificação (do governo, da oposição e mesmo daqueles que se proclamam revolucionários) é sempre grosseira, primária, racista, obreirista, sexista, imperialista, eurocêntrica... Nem mesmo os argumentos importam, “eles são jovens”, “são lumpen”,

[12] Esse qualificativo (como o de lúmpen) foi usado por toda a esquerda burguesa para ignorar o caráter proletário de inúmeras revoltas proletárias lideradas por setores radicais do proletariado, como os mineiros contra os governos burgueses de esquerda.

“têm outra cor”, “não têm critérios e queimam os carros dos trabalhadores”, “são imigrantes”, “são muçulmanos”... o importante é proclamar que quem luta **é diferente**, que a cor de sua pele não é a mesma, que sua cultura explica aquele “ato irracional”. O crucial é que o proletariado daquele país não se sinta solidário, que os proletários de outras partes considerem esta revolta estranha à sua própria vida, à sua própria condição de existência, à sua própria luta.

Esse tipo de falsificação é essencial para a dominação burguesa. Funciona porque o proletariado não pode entrar em luta como uma totalidade mundial, senão que as lutas são necessariamente desiguais a nível setorial e regional... Embora por seu conteúdo a luta proletária em qualquer lugar contenha os interesses da classe mundial e de toda a humanidade, ela se manifesta necessariamente em algum lugar, e justamente nessa contradição entre o global e o particular é que toda a contrarrevolução atua, para que no particular não se assuma o global, para que os proletários de outras partes não sintam como sua a luta dos proletários em todos os lugares. Essa falsificação é o próprio combustível deste sistema e da dominação de classe, é muito mais do que um problema de ideias, é a negação prática do proletariado como classe mundial e que permite ao capital enfrentar o proletariado bloco a bloco.

Assim ocorre o paradoxo de que o capital, que contém em si todas as divisões, toda a competição, todas as guerras e massacres imperialistas, age como uma unidade contra toda ação proletária em qualquer lugar; enquanto que o proletariado, que contém a unificação humana, a

comunidade humana surgindo em oposição ao capital em todos os lugares, que em qualquer luta local expressa por seu conteúdo o porvir comunista, age separadamente e desunido diante do monstro capitalista mundial. Assim, a dominação geral do capital é reproduzida e **o proletariado é negado em sua própria vida** como classe, como força, como perspectiva e programa revolucionários.

O desenvolvimento da negação: até a guerra imperialista

A efetiva negação do proletariado como força, baseada nessa propaganda obreirista, racista, elitista, imperialista, é o que permite isolar os setores em luta, mas além disso é também o que consolida a cidadanização dos proletários, a principal ideologia para fazer os proletários cúmplices de sua própria burguesia, o que permite que os batalhões de trabalhadores sejam enviados ao campo de batalha contra a revolução, o que em última instância permite que todas as guerras repressivas e imperialistas sejam possíveis.

A negação do proletariado como classe é o que torna possível, por exemplo, que a burguesia no México, em meio à revolução proletária e graças aos serviços da socialista e libertária Casa del Obrero Mundial e seu discurso "anti-imperialista", consiga recrutar batalhões repressivos, dizendo que os revoltados são apenas camponeses. Essa negação do caráter

proletário da revolução social no México permitiu que o proletariado daquele país em plena luta fosse isolado de seus irmãos de classe em todo o mundo: a imprensa internacional fala de uma revolta camponesa. Organizações "socialistas" e "libertárias" de outras partes do mundo dizem que não é nada mais do que uma luta política para impor este ou aquele líder. Não é apenas um exemplo, particularmente importante porque é assim que foi liquidada a primeira grande revolução proletária do século XX, senão que se trata do **método geral que a burguesia** usa para negar o movimento proletário, isolá-lo e destruí-lo na prática.

Não há batalhões de burgueses e generais para reprimir! Como no México de então, sempre foram e sempre serão proletários enquadrados pela democracia que atirarão contra os proletários insurgentes. A reprodução ampliada da sociedade burguesa como um todo depende desse massacre indispensável de proletários em luta por outros proletários agindo como uma força de choque capitalista.

A expressão máxima desta negação do proletariado é a guerra imperialista, isso é, quando o proletariado, baseado em diferentes pretextos (paz, democracia, pátria...) é colocado ao serviço da sua própria burguesia e é alistado ao serviço do "seu próprio" estado. A festa máxima do capital é a guerra interimperialista, isso é, a suprema negação negativa do proletariado em que os proletários defendendo as suas respectivas "pátrias" (na realidade os interesses do capitalismo) massacram-se mutuamente. O desaparecimento do proletariado como classe atinge sua expressão máxima quando os povos agem somente despedaçando-se, as pátrias enfrentando-se.

A destruição dos seres, a mutilação, a liquidação dos meios de vida necessários ao ser humano, confirma essa horrenda negação do proletariado levado ao seu auge.

Mais globalmente, ao longo da história do capitalismo, pode-se ver que as potências imperialistas se desenvolvem como repressoras e gendarmes internacionais da repressão de qualquer revolta proletária, precisamente por causa da submissão de "seu próprio" proletariado ao funcionamento dessa potência imperialista: fornecendo os homens que realizam essa repressão internacional, contribuindo para ela com seu trabalho, seus votos, sua passividade... As ações internacionais de repressão ao movimento proletário internacional são possíveis porque nos poderes que realizam esta repressão a negação do proletariado como classe está suficientemente consolidada para que o Estado possa continuar a recrutar para estes massacres e/ou para a contribuição passiva a eles, enfim, porque a oposição a essa política imperialista nada mais é do que uma mera oposição de opinião e/ou pacifista e não consegue se cristalizar como uma verdadeira contraposição proletária e revolucionária, que impeça essas guerras e massacres.

Sem esta negação do proletariado ao serviço do capital, das suas guerras, dos seus massacres, seria impossível que essa sociedade continuasse a existir. Daí a importância da afirmação do proletariado como classe, ou melhor, da afirmação do processo pelo qual o proletariado, contra todas as falsificações ideológicas, se define praticamente como classe, como

força e projeto revolucionário. É o que tentaremos definir na segunda parte deste texto que publicaremos em breve.